

RESENHA DO LIVRO: PRÁTICAS SOCIAIS DE LINGUAGEM – REFLEXÕES SOBRE ORALIDADE, LEITURA E ESCRITA NO ENSINO

Analina Alves de Oliveira Müller¹
Graduada em Pedagogia
Universidade Federal de Juiz de Fora
(analina.alves@hotmail.com)

O livro “Práticas sociais de linguagem: reflexões sobre oralidade, leitura e escrita no ensino” busca avançar em reflexões sobre as práticas sociais de uso da linguagem. Dentro de um viés bakhtiniano apresenta a língua como promotora das interações entre os sujeitos por meio de dados do projeto de pesquisa e extensão denominado Observatório da Educação (Obeduc²) que envolveu a formação continuada de professores alfabetizadores de municípios com baixo IDEB. O projeto foi realizado com sete municípios da região Oeste do Paraná (PR – Brasil) e consistiu em promover projetos de pesquisas e ações que tivessem a alfabetização como eixo de investigação. As pesquisas foram pautadas nos princípios da Linguística Aplicada, os quais envolvem partir de uma situação real de uso da língua para ir ao campo e analisar os problemas da linguagem em uso com vistas à transformação; tais pesquisas também demonstraram a relevância do trabalho no aumento do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) das cidades participantes.

Terezinha da Conceição Costa-Hübes, organizadora da obra, é doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e pós-doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua como professora do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras e do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras), ambos da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Possui diversas publicações que englobam ensino de Língua Portuguesa e gêneros discursivos, relacionados à formação inicial e continuada de professores.

¹ Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

² Projeto de pesquisa e extensão: Formação Continuada para Professores da Educação básica nos anos iniciais: ações voltadas para a Alfabetização em Municípios com Baixo IDEB da Região Oeste do Paraná.

Publicado em 2015, o livro é dividido em cinco capítulos escritos por diferentes autores, que colaboraram com o projeto. Cada capítulo reporta-se a uma das práticas de uso da linguagem (Oralidade, Leitura e Escrita). No primeiro capítulo, Sanimar Busse, docente do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras (PPGL) da Unioeste, apresenta reflexões acerca da variação linguística, estabelecendo uma relação entre fala e escrita. Também discorre sobre a manifestação da linguagem oral em textos escritos de alunos que se encontram em fase de aquisição da escrita. Segundo Busse, o ensino da língua portuguesa não pode prescindir dos elementos da língua em uso, ou seja, dos contatos e das diferentes manifestações linguísticas. É necessário conciliar a experiência de uso da língua baseada na oralidade manifestada pela fala de modo informal com manifestações linguísticas mais monitoradas, em que outras regras prevalecem. Para demonstrar a importância dessa defesa, a autora apresenta alguns princípios teóricos, revisitando trabalhos que se dedicaram ao tema e ressalta a necessidade de a escola ensinar a variedade padrão da língua, além das suas variedades dentro das línguas minoritárias e dos dialetos regionais que, por serem empregados em grupos menos favorecidos, sofrem preconceito e acabam não sendo explorados.

Investigar de que modo os documentos vigentes no país tratam o tema da oralidade no ensino de língua portuguesa é o foco do capítulo 2, escrito pela professora Carmem Teresinha Baumgärtner, vinculada ao corpo docente do curso de Letras e ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras (PPGL) da Unioeste e também colaboradora do projeto que impulsionou a criação desse livro. Por meio de um estudo qualitativo, de viés interpretativista, inserido no campo da Linguística Aplicada, a autora aborda concepções de oralidade, letramento, fala e escrita na perspectiva bakhtiniana e discorre sobre os gêneros orais, frisando o caráter discursivo da língua. Em seguida, a pesquisadora descreve de que modo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998), as Diretrizes Curriculares da Educação Básica-Língua Portuguesa (DCE) (PARANÁ, 2008) e o Currículo Para a Rede Pública Municipal de Ensino (CEC) (CASCAVEL, 2008) abordam o ensino da oralidade. Através dos dados organizados em seis quadros, a autora demonstra de modo processual que nos documentos analisados houve a tentativa de tomar práticas sociais da oralidade como componente para o ensino por meio das fundamentações teóricas dos documentos. Porém, quando explicitam o que fazer, como fazer e como

avaliar o ensino da oralidade, os dados revelaram certa fragilidade, como abordagem de estruturas linguísticas ou de prescrições, as quais são vistas facilmente no cotidiano escolar. Por fim, a autora afirma que a atenção maior deve se voltar para os usos sociais da língua em suas realizações concretas, ressaltando que ainda há muito o que fazer para superar algumas contradições no ensino. Trata-se de um capítulo bastante rico em termos de contribuição com os trabalhos no campo da oralidade, já que há poucas publicações sobre o tema (BUENO, COSTA-HUBES, 2015)

O capítulo 3 foi produzido por Ruth Ceccon Barreiros, também professora do curso de Letras da mesma universidade e cooperadora do projeto. A pesquisadora apresenta um cenário teórico com reflexões sobre leitura, o ato de ler, os sujeitos envolvidos e suas relações com o contexto e expõe as mudanças que a concepção de leitura vem sofrendo ao longo do tempo, tanto nos estudos linguísticos quanto nos literários. A autora examina, inicialmente, as bases teóricas de pesquisadores dos estudos linguísticos, revisitando as perspectivas mais tradicionais. Em seguida, mostra as percepções mais contemporâneas. Posteriormente, trata da leitura no que tange aos estudos literários, discorrendo acerca dos deslocamentos do conceito de leitura do texto literário na perspectiva estruturalista e pós-estruturalista. Logo após, apresenta discussões a respeito da recepção do texto literário. A autora expõe, ainda, os pontos comuns que envolvem a temática leitura nas duas vertentes (estudos linguísticos e literários). Para tanto, através de um quadro com três categorias, trata da interação entre autor-texto-leitor, do papel do sujeito no ato de ler, do texto, leitor e do processo de leitura e seu contexto social. Para finalizar, a autora espera contribuir para a efetivação de uma perspectiva interdisciplinar de formação leitora nos cursos de licenciatura, tema extremamente necessário, já que todos os professores trabalham de certa forma com a leitura em sala de aula, independente da área, considerando que a leitura é central no letramento escolar.

O quarto capítulo aborda a temática da produção textual escrita como atividade de interação e foi produzido pelo doutorando do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras (PPGL), e ex-bolsista do projeto, Douglas Corrêa, em coautoria com a organizadora dessa obra, Costa-Hubes. Os autores iniciam o capítulo tecendo considerações teóricas sobre a escrita e definem texto e enunciado numa perspectiva bakhtiniana, concebendo-os como meio de interação entre interlocutores socialmente situados. Em seguida, delineiam um breve percurso histórico da atividade de produção

de texto na escola demarcando a mudança pragmática a partir dos anos 80 com a inserção dos estudos dos textos de Bakhtin, quando se passa a compreender a língua(gem) como forma de interação. Abordam a compreensão da produção de textos na escola contemporânea e, finalmente, tratam das condições de produção textual na escola, expondo elementos para os comandos de produção a partir do reconhecimento do texto como instrumento de interação. No fim do capítulo, os pesquisadores ressaltam que o investimento em formação continuada leva a mudanças significativas e afirmam que é preciso continuar insistindo na propagação e esclarecimento de uma proposta interacionista de ensino de língua. Concordamos com os autores sobre a necessidade de haver mudanças nas produções escritas na escola para que possamos sair, de vez, de uma perspectiva normativista de ensino de línguas para uma perspectiva de fato interacionista.

A ex-bolsista do projeto e doutoranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras (PPGL) Sueli Gedoz produziu o último capítulo do livro. A autora trata da Análise Linguística, apresentando uma contextualização histórica com dados sobre o ensino da gramática, mostrando-nos como ocorreu o direcionamento dos conteúdos de Língua Portuguesa desde o século XVIII. Assim, a autora problematiza o porquê de haver nos dias atuais heranças desse trabalho com a gramática normativa, tema bastante polêmico em nossas escolas. Gedoz (2015) exhibe os pressupostos teóricos e metodológicos acerca de como se constituiu a Análise Linguística nas diferentes concepções de linguagem (linguagem como expressão do pensamento, como instrumento de comunicação e como forma de interação). Em seguida, a autora explana sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e sobre as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (PARANÁ, 2008), ambos de Língua Portuguesa, pontuando nesses documentos oficiais as reformulações que culminaram numa perspectiva de trabalho voltada à interação. Por fim, a autora defende que a Análise Linguística deve ser trabalhada na sala de aula inserida nas demais práticas discursivas (oralidade, leitura e escrita), pois assim é capaz de contribuir para o estabelecimento das relações dialógicas que permeiam a linguagem e associar o ensino às práticas sociais de uso da língua.

Com a ampliação dos estudos de Bakhtin (1929[2010]), (1979[2003]) e Bakhtin/Volochínov (1929[2004]) e de outros autores brasileiros e estrangeiros, de diversas correntes teóricas, desde meados da década de 80 a conscientização de que

o ensino da língua materna precisa estar associado às práticas sociais de uso cresceu e, hoje, parece haver um consenso sobre a necessidade de adoção da perspectiva interacionista de ensino, visando à ampliação de capacidades de linguagem dos alunos, sem estudo exclusivo da norma gramatical. Nessa direção, o livro “Práticas sociais de linguagem: reflexões sobre oralidade, leitura no ensino” é uma obra interessante por apresentar reflexões ampliadas sobre as práticas sociais de linguagem através de diferentes vozes que se coadunam no único objetivo de potencializar o ensino da língua em efetivas práticas interacionais entre sujeitos. A obra, apesar de apresentar em meio aos artigos poucos dados das ações desenvolvidas no projeto, o que pareceu não ser o foco, é muito relevante no tocante às reflexões teórico-conceituais e pesquisas em documentos oficiais, sendo importante para professores de Língua Portuguesa em formação inicial ou continuada e para pesquisadores da área.

Dados da obra resenhada: COSTA-HÜBES, T. da C. **Práticas sociais de linguagem: reflexões sobre oralidade, leitura e escrita no ensino**. Campinas, São Paulo: Mercado das letras, 2015.

Referências

BAKHTIN, M. (1929[2010]). “O discurso em Dostoiévski”, in: BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução Paulo Bezerra. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, PP. 207-211.

_____. (1979[2003]). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes.
Bakhtin/Volochínov (1929[2004]). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec.

Recebido em 03 de março de 2017
Aprovado em 26 de agosto de 2017